



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET

LICENCIATURA EM LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

ALINE ROCHA LOPES GOMES

ANÁLISE DE PROCEDIMENTOS E ESTRATÉGIAS
DE TRADUÇÃO NO CONTO *UGOKANU ONNA*

BRASÍLIA

2023

ALINE ROCHA LOPES GOMES

ANÁLISE DE PROCEDIMENTOS E ESTRATÉGIAS
DE TRADUÇÃO NO CONTO *UGOKANU ONNA*

Monografia apresentada ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Língua e Literatura Japonesa pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Kyoko Sekino

BRASÍLIA

2023

ALINE ROCHA LOPES GOMES

ANÁLISE DE PROCEDIMENTOS E ESTRATÉGIAS
DE TRADUÇÃO NO CONTO *UGOKANU ONNA*

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo curso de Letras: Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília (UnB).

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Kyoko Sekino – Universidade de Brasília

Examinadora: Profa. Dra. Kimiko Uchigasaki Pinheiro – Universidade de Brasília

Examinadora: Profa. Karen Kazue Kawana – Universidade Estadual de Campinas

Examinador Suplente: Prof. Dr. Fausto Pinheiro Pereira – Universidade de Brasília

“When the violin repeats what the piano has just played, it cannot make the same sounds and it can only approximate the same chords. It can, however, make recognizably the same “music”, the same air. But it can do so only when it is as faithful to the self-logic of the violin as it is to the self-logic of the piano.”

(John Ciardi, 1954, p. ix)

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar minha própria tradução do conto *Ugokanu Onna*, escrito por Okamoto Kanoko, realizada para a disciplina de Laboratório de Língua Japonesa. Apresenta uma reflexão sobre o processo de tradução, com foco em quatro trechos e nos problemas enfrentados e soluções propostas. São apresentadas as definições dos sete procedimentos técnicos de tradução, conforme categorização proposta por Barbosa (1990), e são conceituadas as estratégias de tradução apresentadas por Alves, Magalhães e Pagano (2000), que relacionam os usos de subsídios internos, externos, análises textuais e de unidades de tradução como ferramentas. Na análise da tradução, além do relato e reflexão sobre as decisões realizadas, os procedimentos técnicos utilizados nas soluções propostas são identificados, e os relatos são correlacionados às estratégias de tradução.

Palavras-chave: Tradução; Língua japonesa; Estratégias de tradução; Procedimentos técnicos de tradução; Okamoto Kanoko;

ABSTRACT

This work aims to analyze my translation of the short story *Ugokanu Onna*, written by Okamoto Kanoko, prepared as an assignment for Japanese Language Laboratory course. It brings an analysis of the translation process, focused on four excerpts and on the challenges involved and the proposed solutions. The theory regarding technical procedures of translation is presented with the definition of the seven procedures, as categorized by Barbosa (1990). The translation strategies are presented, as defined by Alves, Magalhães e Pagano (2000), with the use of translation units, external and internal supports, and textual analysis as tools. In the translation analysis, in addition to the report and the discussion of the choices that were made, the technical procedures used in the proposed solutions are identified, and the reports are correlated to the translation strategies.

Keyword: Translation; Japanese language; Translation strategies; Technical procedures of translation; Okamoto Kanoko;

SUMÁRIO

1.	Introdução	9
1.1.	Contexto	9
1.2.	A autora	10
1.3.	O conto	11
1.4.	Objetivo	12
2.	Revisão de Literatura	13
2.1.	Procedimentos técnicos da tradução.....	13
2.1.1.	Palavra-por-palavra	13
2.1.2.	Tradução Literal.....	14
2.1.3.	Transposição	14
2.1.4.	Modulação	15
2.1.5.	Equivalência	15
2.1.6.	Omissão vs. Explicação.....	16
2.1.7.	Compensação	16
2.1.8.	Reconstrução de períodos.....	16
2.1.9.	Melhorias	17
2.1.10.	Transferência.....	17
2.1.11.	Explicação	18
2.1.12.	Decalque	18
2.1.13.	Adaptação	18
2.2.	Estratégias de tradução.....	18
2.2.1.	Unidades de tradução.....	19
2.2.2.	Busca de subsídios externos.....	20
2.2.3.	Busca de subsídios internos.....	22
2.2.4.	Análises textuais.....	23
2.2.4.1.	Macrotextual	23
2.2.4.2.	Microtextual	24
3.	Metodologia	26
3.1.	A tradução	26
3.2.	Ferramentas utilizadas durante a tradução	27
4.	Análise.....	28
4.1.	Trechos utilizados.....	28

4.2.	Primeiro trecho	28
4.2.1.	Análise	28
4.3.	Segundo trecho	29
4.3.1.	Análise	30
4.4.	Terceiro trecho	33
4.4.1.	Análise	33
4.5.	Quarto trecho.....	35
4.5.1.	Análise.....	36
5.	Considerações finais.....	38
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
	Apêndice I - Versões A e B – Ordem Cronológica	42
	Apêndice II - Conto – Versão C – 16/07/22.....	46
	Apêndice III - Conto – Versão D – 17/07/22.....	49
	Apêndice IV - Conto – Versão E - Tradução Final – 20/07/22.....	52
	Anexo I - Conto - Texto original.....	55

1. Introdução

1.1. Contexto

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre meu processo de tradução do conto *Ugokanu onna* (動かぬ女) de Okamoto Kanoko (岡本かの子), revisita algumas das dificuldades que encontrei durante a tradução, e analisa o resultado sob a ótica dos procedimentos descritos por Barbosa (1990), e sobre as estratégias elencadas por Alves, Magalhães e Pagano (2000).

Iniciei a tradução como tarefa de aula para a disciplina de Laboratório de Língua Japonesa, no 1º semestre de 2022, tendo sido o primeiro dos contos trabalhados durante a matéria. O texto, dividido em cinco partes pela professora responsável, foi trabalhado durante as aulas entre os dias 14/06/2022 e 07/07/2022. O procedimento adotado nas aulas foi a apresentação de cada parte por uma dupla, a cada semana, com a leitura, apresentação do vocabulário, dos *kanji* e uma proposta de versão em português para a parte apresentada. Ao final de cada apresentação, eram abertas as tarefas para entrega de traduções individuais, bem como gravações de leitura para cada trecho. Durante as apresentações, os alunos usualmente relatavam suas dificuldades com o texto, traziam dúvidas em relação às palavras e termos utilizados e ocorriam discussões entre os alunos quanto aos significados e sugestões de tradução.

Pouco antes do início do semestre letivo referenciado, a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e Assistência Social – Bunkyo¹, entidade essa que tem como parte de sua missão divulgar a cultura japonesa no Brasil, promoveu seu 1º concurso de tradução. O texto objeto do concurso foi o conto *Ugokanu onna* (動かぬ女), e o período de inscrição foi aberto até o dia 22/07/2022. Durante e ao fim das traduções do conto para a disciplina, a existência do concurso foi reforçada pela professora, que recomendou aos alunos que submetessem as próprias traduções ao concurso.

No intuito da inscrição da tradução no concurso, as partes previamente traduzidas foram juntadas, revisadas e a versão final da tradução foi então submetida

¹ Fundada em 1955, a Bunkyo está localizada em São Paulo, e promove uma série de cursos, exposições e eventos ao longo do ano. (BUNKYO, [202-?])

dentro do prazo estipulado. O resultado do concurso, que selecionou apenas um ganhador, foi divulgado em 18/10/2022 nas mídias sociais da entidade, bem como em seu site oficial. A presente tradução recebeu uma das três menções honrosas concedidas.

1.2. A autora

Conforme biografia escrita por Sugisaki (1995), Okamoto Kanoko, nascida em 1º de março de 1889 como Oonuki Kano, em uma região de Tóquio, foi uma escritora, poeta e estudiosa do Budismo. Teve contato com literatura clássica japonesa e chinesa por meio de sua tutora, posteriormente estudando na Escola Atomi para Mulheres a partir de 1902. Ela foi muito influenciada por seu irmão mais velho, Oonuki Shosen, estudante de literatura na Universidade de Tóquio, que a apresentou a diversos autores franceses, russos e americanos. Junto a seu irmão, se associou a uma sociedade de poetas, e publicou seu primeiro *tanka*² em 1906.

Casou-se com o pintor e cartunista Okamoto Ippei em 1910 e no ano seguinte teve seu primeiro filho Okamoto Tarou, que viria a se tornar um artista de vanguarda. Após a morte de seu irmão, de sua mãe, e de sua segunda filha, de apenas oito meses, dentro de um curto espaço de tempo e tendo sido abandonada por seu marido, Kanoko foi hospitalizada por um colapso nervoso. A situação mental dela sensibilizou Ippei, que a partir de então renunciou sua vida libertina e voltou sua atenção à esposa como forma de se redimir. Ambos buscaram ativamente a religião, o Budismo, como forma de encontrar paz e conforto diante das dificuldades enfrentadas.

A relação marital entre os dois tomou rumos não convencionais e, em duas ocasiões, Kanoko tomou amantes, que foram convidados pelo casal a tomar residência na casa da família Okamoto. Nitta Kamezo, um médico, foi o segundo caso que foi mantido até a morte de Kanoko (SUGISAKI, 1995). Mesmo com sua vida íntima considerada escandalosa para os valores conservadores, em 1926 ela já havia consolidado sua reputação como *kajin* (歌人), poeta de *tanka*, e estudiosa do Budismo.

Em 1929 ela realizou seu sonho de viajar para o exterior, passando dois anos e meio na Europa junto de sua inusitada comitiva de quatro pessoas: o marido, o filho,

² Estilo de poesia formado por 31 sílabas, na estrutura 5-7-5-7-7.

o amante e o secretário. Após retornar dessa extensa viagem, ela se dedicou a escrever ficção, entre 1936 e 1939, publicando mais de vinte contos e romances curtos, e deixando diversos manuscritos. As obras desse período marcaram sua prosa exuberante e seu estilo misteriosamente belo, na visão do público (MORI, 1995). A autora faleceu em 18 de fevereiro de 1939, e grande parte de sua obra foi publicada postumamente.

Segundo Mori (1995) os trabalhos de Okamoto Kanoko são conhecidos por suas descrições sensuais da beleza feminina, por seu uso inovador da língua e seu estilo floreado de prosa. Suas personagens femininas usualmente retratam mulheres em termos quase místicos, e trazem a rejeição de papéis tradicionais do feminino. O fato de retratar mulheres como poderosas, desinibidas e autossuficientes, trouxe um caráter de autoafirmação à sua obra, que, por vezes, fora criticada como narcisística, tanto a própria autora como suas personagens.

1.3. O conto

O conto *Ugokanu Onna* (動かぬ女) teve sua primeira aparição nas páginas de um jornal, *Kokumin Shinbun* (国民新聞) em 1921. O conto foi posteriormente compilado nas coletâneas da autora, publicadas em 1977 e 1994.

O conto trata de uma viagem de trem, do centro de Tóquio ao litoral, na península de Izu. Ao longo da viagem, a personagem narradora descreve alguns dos cenários encontrados ao longo do trajeto, mas dá atenção especial à uma família e seus peculiares membros e empregados, que encontrou durante a viagem.

O grupo era composto por um senhor de idade, sua esposa e sua filha, todos com roupas que denotam alto status social e são acompanhados por dois empregados. Dentre o grupo, a personagem que recebe maior atenção é a jovem, por suas vestes e por sua atitude, de aparentar não se afetar pelo ambiente ao seu redor.

1.4. Objetivo

O objetivo do presente trabalho é analisar e comentar o resultado da tradução de forma retrospectiva, por meio das versões do texto armazenadas ao longo das primeiras entregas, como forma de tarefas da disciplina de Laboratório, até o texto final, submetido para participação no concurso de tradução. Será realizada a análise de quatro trechos de forma a exemplificar as dificuldades enfrentadas durante o ato tradutório, relacionando os recursos utilizados e apresentando reflexões sobre a solução apresentada na tradução. A análise se utiliza da taxonomia organizada por Barbosa (1990) na tentativa de identificar os procedimentos adotados, e relaciona os processos de tomada de decisão relatados com as estratégias de tradução apresentadas por Alves, Magalhães e Pagano (2000).

2. Revisão de Literatura

Nesta seção serão abordados os conceitos teóricos utilizados durante o trabalho, relativos à procedimentos técnicos de tradução e às estratégias de tradução.

2.1. Procedimentos técnicos da tradução

Barbosa (1990, p. 21) compreende o surgimento do estudo dos procedimentos técnicos como “um modo de justificar a tradução não literal”, considerando a perspectiva tradicional que tem a literalidade e fidelidade como objetivo final da tradução, por vezes em detrimento de um texto compreensível e de leitura agradável.

Para sua proposta de caracterização, a autora se baseia inicialmente nos sete procedimentos listados por Vinay e Darbelnet (1958) e utiliza-se de outros modelos teóricos elaborados por Nida (1964 e 1966), Catford (1965), Vásques-Ayora (1977) e Newmark (1981), combinando essas reflexões à sua própria vivência na área para complementar, reagrupar, renomear e/ou eliminar procedimentos. Por fim ela lista o total de treze procedimentos, os quais serão detalhados ao longo desta seção.

De forma complementar, também serão trazidas, quando couber, observações e exemplos propostos por Hasegawa (2012) em relação ao que ela compreende como técnicas de tradução, baseadas na teoria de Vinay e Darbelnet (1958), com relação à tradução do par linguístico japonês-inglês, a fim de trazer mais contexto na situação de uma tradução da língua japonesa para uma língua ocidental. Além de listar os sete procedimentos de Vinay e Darbelnet, a autora ainda acresce outras técnicas que serão correlacionados aos procedimentos categorizados por Barbosa.

2.1.1. Palavra-por-palavra

O procedimento de tradução palavra por palavra é caracterizado pela transformação do trecho, da Língua Original (LO) para a Língua da Tradução (LT), pela substituição das palavras por suas correspondentes semânticas, com a manutenção da categoria gramatical e da ordem sintática. Por esse motivo seu uso é situacional, usualmente limitado à quando ambas as línguas possuem grande convergência entre si. Segundo Hasegawa (2012), é um procedimento pouco utilizado para o par linguístico japonês-inglês em razão da distância entre as línguas, com

aplicabilidade ocasional para o aprendiz, que está estudando a língua, mas que no geral atrapalha a comunicação quando a sintaxe da LO é utilizada na tradução para a LT. Como exemplo, segue uma tentativa de tradução palavra por palavra de um segmento do conto:

“やあ、蜜柑だ、蜜柑だ、大変な蜜柑だ” (*Yaa, mikan da, mikan da, taihen na mikan da.*) (OKAMOTO, 1994, p. [2])

⇒ Yaa, tangerinas, tangerinas, muitas tangerinas.

2.1.2. Tradução Literal

Semelhante à palavra por palavra, o procedimento de tradução literal se mantém fiel à semântica, entretanto promove alterações morfossintáticas com o intuito de seguir a gramática da LT. Segue exemplo de Hasegawa (2012, p. 171), traduzido do inglês³:

O livro que eu comprei há pouco.

⇒ 私が買ったところの本。 (*Watashi ga katta tokoro no hon*)

2.1.3. Transposição

A transposição, por sua vez, envolve a transformação de elementos da LO para elementos na LT com equivalência semântica, porém sem correspondência da categoria gramatical. Segundo Barbosa (1990) a transposição pode ou não ser obrigatória, conforme necessidade de adequação às normas de gramaticais da LT. Hasegawa (2012) considera um procedimento significativo para o par japonês-inglês, considerando as tendências para construções verbais no japonês em contraste à preferência por construções nominais no caso inglês.

³ No original a frase é “*The book I just bought.*”

Ex.:

これが分かれば、問題はずっと解決しやすくなる。 (*Kore ga wakareba, mondai wa zutto kaikestushi yasukunaru.*)
*If we recognize this, the problem will become more manageable. (Verbal construction)*⁴
*Recognition of this will help us resolve the problem. (Nominal construction)*⁵
 (HASEGAWA, 2012, p. 173)

2.1.4. Modulação

O procedimento de modulação altera o ponto de vista da mensagem transmitida na LO. Seu uso pode ser obrigatório, no caso de diferenças entre a compreensão da realidade entre as línguas, ou facultativo, por questões de estilo.

Ex.:

起こさないでください。 (*Okosanaide kudasai.*)

- Literal → Não me acorde.
- Modulação → Não perturbe.

2.1.5. Equivalência

A equivalência substitui o segmento da LO por outra expressão na LT que tenha equivalência funcional, mas com estruturas e estilos diversos. É o procedimento mais comuns para expressões idiomáticas, provérbios, clichês e afins. Hasegawa (2012) identifica este como a técnica mais comum na tradução a partir do japonês, exemplificando, além das expressões idiomáticas e similares, com saudações e expressões situacionais e por paráfrases.

Ex.:

蛙の子は蛙 (*kaeru no ko wa kaeru*)

- Literal – Filho de sapo é sapo.
- Equivalentes – Filho de peixe peixinho é. / Tal pai tal filho.

⁴ “Se identificarmos isso, o problema se tornará mais controlável. (Construção verbal)” (tradução nossa)

⁵ “A identificação disso irá nos ajudar a solucionar o problema. (Construção nominal)” (tradução nossa)

朝飯前 (*asameshimae*)

- Literal – Antes do café da manhã.
- Equivalentes – Tirar de letra. / Fichinha / Muito fácil.

2.1.6. Omissão vs. Explicação

A omissão e a explicação são categorizadas como procedimentos inversos. Uma seção do texto na LO considerado repetitivo ou julgado como não essencial pode ser descartado, caracterizando a omissão. O inverso, a explicação é, portanto, quando o tradutor provê mais informações do que o expressado no segmento na LO, contextualizando uma informação relacionada ao contexto cultural ou então para trazer elementos exigidos para compreensão na LT que usualmente são omitidos na LO. Apesar de não mencionado na teoria de Vinay e Dalbènet, Hasegawa (2012) reconhece o uso da omissão para informações não vitais/distrativas ou repetitivas em certos contextos.

2.1.7. Compensação

O procedimento de compensação é o deslocamento de um recurso estilístico para outro ponto no texto na LT com efeito equivalente. São facilmente observadas em situações cômicas e de trocadilhos, na impossibilidade de se trazer o elemento de estilo no mesmo local do Texto Original. O estilo do texto é balanceado com a introdução desse efeito em outro momento. Hasegawa (2012) também lista uma técnica similar, “*offsetting*”, e exemplifica sua aplicabilidade com uma situação de uso de “*-chan*” como forma de tratamento no Texto Original, que poderia ser compensada com o uso de um estilo informal de fala com a personagem e/ou uso de apelidos na LT.

2.1.8. Reconstrução de períodos

Envolve a redistribuição de períodos do Texto Original, separando-as ou agrupando-as.

2.1.9. Melhorias

A melhoria é descrita como a eliminação de erros cometidos no Texto Original, como uso excessivo de jargões, erros de sintaxe ou de fatos e erros de impressão.

2.1.10. Transferência

O procedimento de transferência traz um artefato da LO para o Texto Traduzido, e, conforme Barbosa (1990), pode assumir quatro formas.

A primeira é o estrangeirismo, que se resume em trazer uma expressão da LO que seja desconhecida na LT, com a marcação textual de que se trata de um vocábulo não existente na LT, seja com uso de itálico ou outra forma de distinção.

A segunda, o estrangeirismo transliterado, ou transliteração, é utilizado em casos em que as línguas não têm alfabeto em comum, então a grafia da LO é substituída pela grafia da LT.

Em seguida, temos a aclimação, ou estrangeirismo aclimatado, no qual a expressão passa por uma adaptação para a LT, não sendo uma mera cópia do termo. Tal adaptação realiza a adequação da fonologia e morfologia. Na observação de Barbosa, não é um procedimento frequente, pois é mais usual que o termo seja usado como um empréstimo pelos falantes da LT para que então seja aclimatado.

E por fim, temos a transferência com explicação, onde o tradutor vai acrescentar informações ao contexto para que o termo seja compreendido pelo leitor do Texto Traduzido. Hasegawa (2012), em comentário ao Empréstimo, procedimento descrito por Vinay e Darbelnet, que é o mais próximo da Transferência, menciona a possibilidade de uso para trazer o clima da cultura da LO para a tradução, como efeito estilístico, mas no caso do japonês, como muitas palavras não são facilmente reconhecíveis, é comum que se utilize uma breve explicação junto da palavra transferida.

Ex.:

カラオケ ⇒ *karaokê*;

漫画 ⇒ *mangá*;

そば ⇒ *macarrão sobá*;

歌舞伎 ⇒ *teatro kabuki*.

2.1.11. Explicação

Nesse procedimento o tradutor não transpõe o termo na LO para a LT como na transferência, mas o substitui por sua explicação. Seguem exemplos:

そば (*soba*) ⇒ macarrão a base de trigo sarraceno;

浴衣 (*yukata*) ⇒ quimono leve e casual, comumente utilizado no verão;

2.1.12. Decalque

Para Barbosa (1990, p. 76) o decalque “consiste em *traduzir literalmente* sintagmas ou tipos frasais da LO” para o Texto Traduzido. Ela exemplifica o uso do procedimento na tradução de nomes de instituições e de tipos frasais.

2.1.13. Adaptação

Utilizado quando a situação no texto original é totalmente desconhecida no contexto cultural da LT. O tradutor cria uma situação diferente, porém similar, podendo alterar nomes de pessoas, locais e objetos. Barbosa (1990) exemplifica o procedimento relatando uma situação em que houve a necessidade de adaptar manuais de treinamento de uma empresa americana para uma firma brasileira, aproximando o material da realidade brasileira, mas com a manutenção do conteúdo do treinamento em si. Hasegawa (2012) relata que a adaptação pode levar a substituições culturais.

Ex.:

カステラ (*kasutera*) ⇒ Pão de ló;

下駄 (*geta*) ⇒ chinelo;

弁当 (*bentou*) ⇒ marmita;

2.2. Estratégias de tradução

Ao se deparar com problemas, os tradutores, de forma consciente ou não, utilizam diversas estratégias para reconstruir significados semelhantes no texto alvo. Tais ações envolvem uma variedade de conhecimentos e habilidades, desde a

bagagem de informações do próprio tradutor até as buscas de fontes externas.

Os pesquisadores Alves, Magalhães e Pagano (2000) observaram textos, fonte e alvo, para identificar uma variedade de estratégias utilizadas por tradutores experientes e as apresentam, indicando possibilidades de usos, juntamente com proposição de exercícios práticos, com o intuito de conscientizar o tradutor em formação da complexidade do ato tradutório, da importância do automonitoramento e das decisões ao longo do processo de tradução.

Nesse sentido, a presente seção trará alguns dos conceitos abordados na obra, que vão da segmentação do texto, aos apoios externos e internos e até as análises textuais.

2.2.1. Unidades de tradução

Sob uma percepção leiga é possível imaginar que qualquer tradução é realizada em partes. Porém, qual a definição dessas partes? Há algum consenso na definição de qual seria a melhor forma de divisão de um texto?

Conforme trazido por Alves, Magalhães e Pagano (2000), as Unidades de Tradução (UT) são objeto de atenção em Estudos da Tradução e foram alvo de análises relativas à sua definição e seu tamanho ideal. Nesse sentido, não há consenso entre autores na definição do melhor tamanho ou escopo desse seccionamento. Alguns autores afirmam que ela deve ser a menor possível, outros compreendem que não é possível uma divisão, devendo o texto todo ser considerado como unidade única. Outros, menos radicais, estão entre esses extremos. Um exemplo seria de Newmark (1988 apud ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000) que considerou a frequência, com a divisão mais comum a nível de palavra, seguida das expressões idiomáticas, frases, orações, períodos e por fim parágrafos, nessa ordem. Enquanto Gerloff (1987 apud ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000), afirma que há maior preferência pela divisão em UT ser a nível de frase e oração.

Essencialmente, a definição trazida por Alves, Magalhães e Pagano (2000) contabiliza a variação entre as divisões de diferentes tradutores, que, considerando as diferenças de conhecimento e processamento cognitivo, claramente farão delimitações distintas de UTs ao longo de um mesmo texto.

As Unidades de Tradução, portanto, são as seções do texto nas quais o tradutor foca sua atenção a cada momento, e esse particionamento realizado é afetado

intrinsecamente pelos próprios conhecimentos do tradutor (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000). A interrupção de leitura para consulta a material, ou a releitura de trechos anteriores para solucionar indagações próprias, e demais operações, alteram a forma do processamento, seja durante leitura e compreensão do Texto Original seja durante a construção do Texto Traduzido. Dessa forma, a compreensão da UT como maleável é essencial para que o tradutor possa conscientemente focar o texto sob diferentes ângulos, e ter maior autonomia no seu próprio processo de tradução.

2.2.2. Busca de subsídios externos

Não só de consultas a dicionários se faz uma boa tradução. Considerando a impossibilidade de sermos especialistas em toda e qualquer área envolvida nos textos que nos propomos a traduzir, a capacidade de buscar auxílio externo é uma estratégia essencial para o processo tradutório e as fontes de consulta podem ser extremamente variadas. Dicionários, bilíngues, monolíngues ou históricos, enciclopédias, atlas e glossários para citar algumas poucas fontes. Alves, Magalhães e Pagano (2000) discorrem sobre tais estratégias, exemplificando possibilidades de aplicação.

Iniciando pela consulta a dicionários, os autores destacam as limitações dos dicionários bilíngues, comumente mais associados ao ofício da tradução, que podem atrapalhar tradutores menos experientes na escolha de vocabulário mais apropriado ao contexto. Outros tipos de dicionário podem fornecer mais dados para uma tomada de decisão mais adequada, como os monolíngues e enciclopédicos. Materiais na LT também são úteis, considerando existência termos e nomes históricos/geográficos, que podem já possuir traduções consagradas, bem como termos científicos. Podemos também listar outras fontes, como especialistas na área em questão, glossários e dicionários especializados.

Temos também a possibilidade de consulta a textos paralelos, que é a busca de textos do mesmo tipo do Texto Original, na LT. O intuito da consulta usualmente é observar e comparar as estruturas usuais, léxico e sintaxe, desse tipo textual, a fim de manter tais características no Texto Traduzido. O exemplo de uso trazido por Alves, Pagano e Magalhães (2000) é na tradução de documentos padronizados, mais especificamente uma certidão de casamento, na qual seria possível observar o jargão jurídico utilizado nesse tipo específico de texto em português. Conforme informado pelos autores, outros tipos de textos especializados também se beneficiam da análise

de textos paralelos, como os científicos.

Provavelmente, o mais comum hoje em dia, seja o uso da internet como fonte externa, considerando que os dados disponíveis estão em contínua expansão, seja de forma gratuita ou paga, e as ferramentas de busca atuais têm grande flexibilidade, permitindo busca de textos, imagens e vídeos⁶. Suas características também permitem maior frequência de atualização, então materiais de consulta antes apenas físicos, como os próprios dicionários e enciclopédias, existem de forma digital e podem ser atualizados com maior frequência. Além disso, novas bases de dados são criadas de maneira constante, seja termos especializados, termos de uso cotidiano ou gírias, são diversos os dicionários e glossários online, alguns produzidos de forma individual e outros de forma colaborativa.

Nesse sentido, é interessante exemplificar com dois projetos de glossários de Japonês para Inglês: o “*Living Japanese Slang Dictionary*”⁷, um dicionário online de gírias elaborado por Wes Robertson, um sociolinguista, que inclui mensalmente 10 novas entradas, e; “*Yakuaru*”⁸ um projeto colaborativo que se denomina um “glossário suplementar para tradutores de mídia de termos e definições do japonês para o inglês” e tem como intuito documentar termos e traduções em contexto, que, por razões de gênero, formato ou subcultura envolvidos, tem nuances que vão além das definições usuais encontradas em dicionários.

Também existem recursos de assistência a tradução, como traduções automáticas, *softwares* e aplicações de gerenciamento de tradução, que trazem memória de tradução, gerenciamento de terminologias e construção de glossários de projetos e outras funções relacionadas.

É importante que o tradutor tenha em mente as limitações das fontes e recursos utilizados, pois as estratégias mencionadas podem ser utilizadas de forma combinada para compensar essas questões.

⁶ O uso e utilidade da internet como ferramenta externa já havia sido abordado pelos autores à época do livro, mas é interessante destacar a sua predominância absoluta nos dias de hoje, em razão dos grandes avanços tecnológicos ocorridos nos últimos 20 anos.

⁷ O glossário está disponível no blog do pesquisador, em <https://wesleycrobertson.wordpress.com/2022/06/19/living-japanese-slang-dictionary/>

⁸ Glossário disponível em <https://yakuaru.com/>.

2.2.3. Busca de subsídios internos

As estratégias de apoio baseadas em subsídios internos envolvem toda a bagagem do tradutor, seu próprio conhecimento de mundo, que pode englobar o enciclopédico, cultural ou procedimental (ALVES; PAGANO; MAGALHÃES, 2000). Este é o ponto de partida para o processamento das novas informações que recebemos, dessa maneira está intrinsecamente ligada ao funcionamento da memória. Os autores propõem a compreensão da memória por suas três capacidades, o armazenamento, a recuperação e o esquecimento e é essa combinação de características que permite a flexibilidade e dinamicidade da memória.

No caso do armazenamento de informações, essa guarda é realizada principalmente por meio de associações (rede de conceitos, NOVAK; CAÑAS, 2006), que vem da proximidade à outras informações e eventos ou então de sua repetição e intensidade. Na ocasião da recuperação, esta será mais eficiente quanto mais complexas as redes de associações que estabelecermos com outras informações. O esquecimento é o mecanismo que permite o restabelecimento das interligações, considerando que há limitação à capacidade de armazenamento.

Junto desses mecanismos temos a categorização da memória em duas fases, a de curto prazo, e a de longo prazo. A memória de curto prazo (*working memory* nas palavras de Baddeley, 2000) engloba memórias visuais, conceituais e verbais, com durações de meros segundos. A memória de longo prazo, por sua vez, “é uma forma estável de codificação de informações que nos permite sua recuperação consciente por meio de redes associativas” (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000, p. 60).

Considerando todos esses conceitos, os autores trabalham as ideias de memória de curto prazo as associando aos automatismos, processamentos instantâneos e inconscientes. A desvantagem desse tipo de memória para o processo da tradução são estas mesmas características, pois uma breve desatenção pode acarretar a perda de nuances contidas no Texto Original. A memória de longo prazo, então, é definida por Alves, Magalhães e Pagano (2000) como um mecanismo de apoio precioso por sua recuperação deliberada e reflexiva, que em razão de sua rede de associações pode-se partir de diversos pontos para se ter acesso a um mesmo dado.

Para além da memória, junto aos mecanismos que fazem parte do nosso apoio interno, temos os mecanismos inferenciais, que seriam as operações envolvidas para

obtenção de informações de forma indireta. Os autores dividem as inferências em dois tipos, as locais e as globais, sendo as locais àquelas dispostas no próprio texto, e que são recuperadas pela compreensão da relação de seus elementos, ou seja, pelo caráter coesivo do texto e pelo raciocínio dedutivo. As globais são dependentes dos conhecimentos prévios do tradutor, sua bagagem, e da coerência textual, tendo maior complexidade e necessitando mais do que apenas o raciocínio dedutivo (cf SPERBER; WILSON, 1986. Teoria da Relevância).

O apoio interno, portanto, se relaciona principalmente com o processamento de informações, por meio da memória e das inferências que podemos estabelecer, sendo esse gerenciamento como um todo essencial para o processo tradutório, segundo Alves, Magalhães e Pagano (2000).

2.2.4. Análises textuais

No âmbito do texto, também são relacionadas estratégias de análise que vão desde a maior dimensão do texto até seus componentes menores. Por análise macrotextual Alves, Magalhães e Pagano (2000) relacionam a estratégia aos gêneros e padrões retóricos, bem como à compreensão da coesão e coerência do texto. No âmbito da análise microtextual, por sua vez, são considerados os significados das unidades lexicais, seu agrupamento, suas funções, e o sistema gramatical envolvido.

2.2.4.1. Macrotextual

Como leitores, é comum criarmos expectativas sobre um dado texto durante a leitura. Sua composição, o vocabulário usado, a estrutura e sua proposta, todas essas características nos dão pistas sobre o objetivo do texto. Um e-mail comercial ou uma mensagem informal entre amigos, as diferenças de objetivo e função são percebidas pelas estruturas e elementos utilizados, e é comum que textos com funções similares sigam convenções semelhantes. Esses padrões observados não podem ser ignorados numa tradução, para isso é importante que tenhamos em mente o papel da identificação dos gêneros textuais e dos padrões retóricos de um dado texto, como estratégia de análise do Texto Original e para a construção do Texto Traduzido.

Os gêneros textuais “refletem as funções e os objetivos de eventos sociais determinados bem como os propósitos dos participantes destes eventos” (ALVES;

MAGALHÃES; PAGANO, 2000, p. 72), e fazem usos dessas estruturas e padrões retóricos convencionados. Artigos científicos, receitas, manuais, reportagens, cada qual dispõe de elementos convencionais que atendem aos seus propósitos distintos de comunicação. Por padrões retóricos, Alves, Magalhães e Pagano (2000, p. 72) definem como “quadros conceituais que permitem classificar os textos quanto às intenções comunicativas que servem a um propósito retórico global”, que se dividem em tipos, como o expositivo, o argumentativo e o instrucional, que ainda podem ter maiores subdivisões.

Ainda no âmbito macro, outra estratégia de análise textual apresentada é a contextualização, pela análise das relações texto-texto e texto-contexto, e a influência destas na sua interpretação. As estruturas de relações que organizam o texto têm papel principal nessa análise, em especial a coesão. Por coesão os autores definem a rede de relações dentro do texto, entre as próprias palavras e expressões, que serve como forma de explicitar as relações de coerência textual. As relações de coesão podem ser identificadas pelo seu uso de repetição do léxico, pelo uso de pronomes, marcadores, explicitações e omissões.

Há também que se considerar a interpretação das palavras e expressões em uso, em relação ao contexto restrito do texto, o co-texto, e outros elementos discursivos como o contexto relacional entre escritor/leitor e o contexto da situação, entre participantes, objetos e efeito da ação verbal (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000).

2.2.4.2. Microtextual

Reduzindo a dimensão de análise, Alves, Magalhães e Pagano (2000) focam no nível lexical e no nível gramatical, relacionando o uso dessas estratégias à problemas de não equivalência.

No nível do léxico, os autores trazem um modelo de análise de componentes de significado de palavras/enunciados, que os categoriza em quatro tipos. O proposicional, que relaciona a palavra àquilo que ela descreve no mundo real ou imaginário. O significado expressivo, que traz o sentimento do falante em relação à palavra. O significado pressuposto, que seria uma restrição que é estabelecida pela co-ocorrência de palavras. E, por fim, o evocado, que deriva de variações de dialeto regionais, temporais ou sociais e do registro. Considerando tais dimensões de

significado não é incomum que uma palavra escolhida na LT, que possui significado proposicional semelhante na LO possa ter outras nuances e conotações em seu significado expressivo que não estão presentes no termo a ser traduzido (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000).

Outra forma de compreensão e estudo de vocabulário é pela divisão do léxico em campos semânticos, conceitos abstratos que podem ser compostos de diversas palavras e expressões, formando um conjunto lexical. Esses campos podem ser organizados hierarquicamente, conceitos mais gerais, chamados de hiperônimo, e conceitos específicos, nomeados como hipônimos. Exemplos de campos semânticos dados pelos autores no português seriam os conceitos de “plantas” e “animais”, e exemplos específicos da relação de hierarquia entre elas seria a relação entre “bananeira” como sendo hipônimo de “planta” e “animal” como hiperônimo de “gato”. Nesse sentido, uma estratégia possível é o uso de outra palavra no conjunto lexical para representar o mesmo conceito, mas mais geral ou específico, de forma a melhor se adequar ao texto na LT (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000).

Para o caso de colocações, grupos de palavras que ocorrem em conjunto com regularidade, é comum problemas de equivalência se olharmos palavra a palavra, ignorando a colocação como um conjunto. Situação similar também ocorre com tradução de expressões idiomáticas com metáforas, que se deve considerar seu uso no contexto do texto original e as camadas de significado relacionadas.

À nível gramatical, nas dimensões de morfologia e da sintaxe, também pode ser encontrado problemas de não equivalência. Palavras que não tem marcação gramatical de gênero na LO, mas que a LT exige uso obrigatório de gênero são ocorrências comuns em alguns pares linguístico. Outro exemplo na dimensão morfológica é dado pelos autores no sentido do uso do pronome na língua inglesa que não marca a forma verbal para a pessoa, enquanto no português as formas verbais usualmente trazem a marca gramatical para pessoa, dessa forma uma tradução sem essa consideração pode trazer o pronome no português, causando muita repetição e deixando o uso do pronome redundante. A sintaxe da língua de partida também pode trazer problemas a depender da distância e função da ordem das palavras na LT, devendo o tradutor estar consciente desses efeitos no texto final.

3. Metodologia

3.1. A tradução

Conforme exposto na introdução, a presente tradução foi fruto inicial de uma atividade da disciplina de Laboratório de Língua Japonesa, disciplina esta que, considerando o contexto da graduação na qual está inserida, não tem por objetivo final o ensino do ofício da tradução. Dessa forma, a tradução foi realizada com pouca, ou quase nenhuma, bagagem formal e teórica dos conceitos e teorias advindos dos estudos da tradução, e teve como base as experiências e crenças pessoais formadas pelo consumo de literatura e mídias traduzidas, as mais comuns traduzidas do inglês e do japonês.

O texto, dividido em cinco partes, foi trabalhado em sala de aula por meio de apresentações em duplas, dentro do período de aproximadamente 3 semanas e meia, e as traduções individuais eram entregues por meio da plataforma Teams, para análise da professora. Em razão das entregas apartadas, se manteve o registro das versões iniciais de cada parte entregues à professora. Foi realizada uma revisão da 1ª parte do conto, após a entrega, sendo duas revisões seguintes feitas no texto completo. As versões armazenadas da tradução estão listadas no quadro 1, abaixo, com detalhamento das datas de conclusão. Todas as versões estão listadas nos apêndices, e incluem registro dos trechos destacados, com bordas, e comentários registrados, indicados em colchetes duplos, que incluem outras sugestões de tradução, dúvidas, e anotações para futuras revisões.

Quadro 1 – Listagem de versões da tradução

Parte	A	B	C	D	E
1	1A Finalizada em 27/06/22	1B Revisada em 09/07/22			
2	2A Finalizada em 04/07/22	-			2ª Revisão do conto – baseada em comentários e sugestões de um amigo – 20/07/22 Versão final
3	3A Finalizada em 11/07/22	-	Junção dos trechos – 16/07/22	1ª Revisão do conto inteiro – 17/07/22	
4	4A Finalizada em 11/07/22	-			
5	5A Finalizada em 16/07/22	-			

Fonte: elaborado pela autora

3.2. Ferramentas utilizadas durante a tradução

A tradução foi realizada no editor de texto *Word*, com uso de diversas ferramentas e recursos de consulta e pesquisa, disponíveis em inglês, japonês e português, bem como uso de recursos de tradução automática, para auxílio na leitura do texto. Segue abaixo listagem não exaustiva de recursos utilizados:

- a) Dicionário eletrônico (電子辞書) modelo XD-9800E, sendo os dicionários mais utilizados *Kenkyusha's New Japanese-English Dictionary*, *Genius Japanese-English Dictionary* e *Digital Daijisen* (monolíngue);
- b) Dicionários online – como Jisho e Weblio (bilíngue e monolíngue);
- c) Enciclopédias digitais – Wikipédia, *Kotobank* (コトバンク);
- d) Dicionário analógico⁹ e dicionário de sinônimos online – Aulete Digital e Sinônimos.com.br;
- e) Tradutores automáticos – Google Tradutor e DeepL;
- f) Pesquisa de imagens e vídeos – Google e YouTube.

⁹ Tipo de dicionário que reúne palavras conforme sua afinidade de ideias e conceitos.

4. Análise

4.1. Trechos utilizados

Para a presente análise da tradução, foram selecionados quatro trechos do texto, com suas respectivas traduções, em duas versões, a inicial e a versão final. Foi comentado e comparadas algumas escolhas e alterações, sendo proposta a correspondência à um procedimento de tradução e relatada estratégias utilizadas, correlacionando-as com estratégias elencadas por Alves, Magalhães e Pagano (2000).

4.2. Primeiro trecho

私達が、小田原から、熱海行きの、軽便鉄道に乗り込んだ時も、その一行と一緒にになった。(OKAMOTO, 1994, p.[1])

Quadro 2 – Comparação primeiro trecho

Texto original	Primeira Versão (1A)	Versão final (E)
私達が、小田原から、熱海行きの、軽便鉄道に乗り込んだ時も、その一行と一緒にになった	Nos juntamos ao grupo novamente quando embarcamos no bonde, que sai de Odawara com destino à Atami.	Nos juntamos ao grupo novamente quando embarcamos no trem, que sai de Odawara com destino à Atami.

Fonte: elaborado pela autora.

4.2.1. Análise

As dificuldades numa tradução podem aparecer durante qualquer ponto do processo, e, para a presente tradução, já foram encontradas na primeira frase do texto, em relação ao termo *keibentetsudou* (軽便鉄道). Em consulta à dicionários, foram obtidas as definições apresentadas no Quadro 3, abaixo.

Quadro 3 – Definições *keibentetsudou*

Termo	Verbetes	Fonte
軽便鉄道	“a /light [narrow-gauge] railway”	Kenkyusha ¹⁰
<i>keibentetsudou</i>	“narrow-gauge railway; light railway”	Jisho ¹¹

Fonte: elaborado pela autora.

Inicialmente, o termo foi traduzido como “bonde”, entretanto nas revisões posteriores foram novamente realizadas pesquisas externas, dessa vez em enciclopédias online, que definiu “*light railway*” como “uma linha de trem que é construída a custos menores [...], que usa trilhos leves”¹² (LIGHT RAILWAY, 2023, tradução nossa) e que pode possuir uma largura menor entre trilhos.

No Brasil não há uma malha ferroviária muito desenvolvida. Dessa forma como viagens de trem não estão muito presentes na realidade brasileira, sendo mais conhecidos apenas para transporte de cargas, não temos muitas palavras para definir diferentes tipos de trem. Considerando não ter sido encontrado termo equivalente para a categoria de trens trazida no texto, a tradução do termo foi alterada para o termo mais geral, o hiperônimo, “trem” quando da sua revisão, que podemos relacionar com a estratégia de análise microtextual no nível lexical.

Quanto à classificação de procedimentos proposta por Barbosa, entendo que a classificação mais atinente ao resultado da tradução seria a Equivalência, considerando a substituição do segmento original por outro que não traz uma tradução literal, mas que equivale em função.

4.3. Segundo trecho

私の注意は、一行の真中に坐る夫人と令嬢に一番多く集まった。夫人は、いかにもよく整った面長な中高な顔に丸鬘まるまげの両鬢りょうびんを張って年にしては少し地味な柄きものの着物の襟えりを、幾枚も張り重ねた様に見せ、何故か、厚い毛皮のショールは膝の上の手に捲き付けている。(OKAMOTO, 1994, p. [1])

¹⁰ NEW Japanese-English Dictionary: Shin wa-ei daijiten. 5. ed. Tokyo: Kenkyusha, 2003. Dicionário Eletrônico.

¹¹ KEIBENTETSUDOU (軽便鉄道). In: JISHO.ORG. [S.l.]: [s.n.], [202-?]. Disponível em: <https://jisho.org/word/軽便鉄道>. Acesso em: 17 jun. 2023.

¹² No original: “is a railway built at lower costs [...] it uses lighter-weight track” (LIGHT RAILWAY, 2023)

Quadro 4 – Comparação segundo trecho

Texto original	Primeira Versão (2A)	Versão final (E)
私の注意は、一行の真中に坐る夫人と令嬢に一番多く集まった。	Minha atenção se voltava principalmente para o centro do grupo, onde estavam sentadas a madame e sua filha.	Minha atenção se voltava principalmente para o centro do grupo, onde estavam sentadas a esposa e sua filha.
夫人は、いかにもよく整った面長な中高な顔に丸髷の両鬢を張って年にしては少し地味な柄の着物の襟を、幾枚も張り重ねた様に見せ、何故か、厚い毛皮のショールは膝の上の手に捲き付けている。	A senhora possuía um rosto oval, com feições equilibradas, emoldurado por um penteado avolumado nas têmporas com um coque alto na parte de trás, típico de mulheres casadas.	A senhora possuía um rosto oval, de feições equilibradas, emoldurado por um penteado avolumado nas têmporas com um coque alto na parte de trás, chamado <i>marumage</i> , típico de mulheres casadas.
	A gola do seu quimono, que tinha uma estampa simples para sua idade, aparentava ter inúmeras camadas, e por algum motivo ela tinha um xale grosso de pele enrolado em suas mãos, que repousavam sobre seus joelhos.	A gola do seu quimono, que tinha uma estampa simples para sua idade, aparentava ter inúmeras camadas.
		Por algum motivo ela carregava um xale grosso de pele enrolado em suas mãos, repousando sobre seus joelhos.

Fonte: elaborado pela autora.

4.3.1. Análise

O conto é rico em descrições e dessa forma foi experienciada certas dificuldades nos termos utilizados para descrever as personagens, em específico para descrições de feições e de penteados.

Para descrever o rosto de uma das personagens foi utilizada a seguinte construção, 「よく整った面長な中高な顔」. Em uma leitura inicial, sem realizar busca dos vocábulos, houve dificuldade de compreensão. Dessa forma utilizando o dicionário eletrônico, se obteve as seguintes entradas:

Quadro 5 – Definições *totonou*, *omonaga*, *nakadaka*

Termo	Verbetes	Fonte
整う <i>totonou</i>	“become Whole[complete][...]; become balanced:[...] lack nothing [...] 整った顔立ち	<i>Kenkyusha</i> ¹³

¹³ NEW Japanese-English Dictionary: Shin wa-ei daijiten. 5. ed. Tokyo: Kenkyusha, 2003. Dicionário Eletrônico.

Termo	Verbetes	Fonte
	<i>"A face with balanced features"</i>	
面長 <i>omonaga</i>	“～な oval-faced; having an oval (well-proportioned) face; having a slightly elongated face.”	
中高 <i>nakadaka</i>	中高の (真ん中が盛り上がっている) convex; gibbous 中高の顔 a face with a 「long [straight] nose.	
	②鼻筋が通って整った顔であること。また、そのさま。「一な (の) 面立ち」	<i>Digital Daijisen</i> ¹⁴

Fonte: elaborado pela autora.

O trecho correspondente foi traduzido como “rosto oval, de feições equilibradas”, pelo que podemos identificar a ausência de termo equivalente à 中高, disposto no Texto Original, caracterizando utilização de um procedimento de omissão. Em retrospectiva, tal ocorrência não foi em razão de repetição no texto original, mas por dificuldade pessoal de descrever tal característica na LT sem, segundo a própria percepção, destoar do restante do texto. Analisando o resultado, podemos concluir que, apesar de não prejudicar a compreensão do contexto da cena, no sentido de descrever que a personagem teria um rosto agradável visualmente, a tradução não transpôs a riqueza de detalhes presente no trecho original. Uma alternativa considerada durante a presente análise poderia ser “rosto oval, com um nariz proeminente e feições equilibradas”.

No caso do penteado, foi inicialmente realizada pesquisa em dicionários, entretanto o foco da descrição era no contexto do penteado, de ser utilizado por mulheres casadas, e que se tratava de um tipo de coque.

Quadro 6 – Definições *marumage*

Termo	Verbetes	Fonte
丸髷 <i>marumage</i>	<i>"A married woman's coiffure."</i>	<i>Kenkyuusha</i> ¹⁵
	<i>"Traditional married woman's hair style with an oval chignon on top"</i>	Weblio ¹⁶

Fonte: elaborado pela autora.

¹⁴ DIGITAL Daijisen. 2ª . ed. rev. e aum. Tokyo: Shogakukan, 2016. Dicionário Eletrônico.

¹⁵ NEW Japanese-English Dictionary: Shin wa-ei daijiten. 5. ed. Tokyo: Kenkyusha, 2003. Dicionário Eletrônico.

¹⁶ MARUMAGE. In: WEBLIO: english-japanese japanese-english. [Japan]: GRAS Group, Inc., [2023?]. Disponível em: <https://eije.weblio.jp/content/丸髷>. Acesso em: 17 jun. 2023.

Nesse sentido, para melhor compreender o penteado, o termo foi pesquisado na busca de imagens do Google, obtendo resultados como a Figura 1, bem como no Youtube, a fim de encontrar vídeos demonstrativos de como fazê-lo. A decisão final foi pela descrição do penteado, do contexto e pela inclusão da transliteração da palavra. Considerando os procedimentos dispostos por Barbosa (1990), o procedimento utilizado seria um misto de Transliteração e Transferência com explicação, ambos dispostos como formas do procedimento de Transferência. A transliteração, considerando as divergências da forma escrita entre a LO e a LT, dessa forma, 「丸髷」 para *marumage*, e a descrição, “penteado avolumado nas têmporas com um coque alto na parte de trás, [...], típico de mulheres casadas”.

Figura 1 - *Marumage*



Fonte: *Digital Daijisen* (デジタル大辞泉)¹⁷

Para evitar frases excessivamente longas, a segunda frase do trecho foi separada em três na versão final, cada qual focando em uma parte da descrição, a primeira na face e no cabelo, a segunda na roupa, e a terceira na ação de suas mãos, procedimento condizente com a Reconstrução de períodos.

¹⁷ Disponível em: <https://kotobank.jp/word/丸髷>.

4.4. Terceiro trecho

令嬢は、青いショールを、小皺一つなく滑らかに胸へ展^のべ、その先端を押えて重ね合せた派手な紫の羽織の袖口から、隠れた指の爪先だけが、つぶらに小な球の様にこぼれかかって見える。青磁色に金銀の刺^{ししゅう}繡をちりばめた、細鼻緒があっさりと喰い入った白足袋の爪先を、つつましく揃^{そろ}えた足下へ瞳を落して、中形に結上げた束髪^{しろたび}の首を、据えたなり、ついぞ口一つ利くのを見うけなかった。その令嬢をさしはさんで夫人と老女とは、時々何か小声で語り合^そって居る。(OKAMOTO, 1994, p. [1])

Quadro 7 – Comparação terceiro trecho

Original	1ª Versão (3A)	Versão Final (E)
令嬢は、青いショールを、小皺一つなく滑らかに胸へ展べ、その先端を押えて重ね合せた派手な紫の羽織の袖口から、隠れた指の爪先だけが、つぶらに小な球の様にこぼれかかって見える。	A jovem dama, usava um xale azul, que cobria seu busto sem aparentar nenhuma dobra ou vinco, e segurava os cantos do xale na ponta dos dedos, escondidos pelas mangas de seu casaco <i>haori</i> , de um roxo chamativo.	A jovem dama com seu xale azul estendido, cobrindo seu busto, segurava seus cantos com a ponta dos dedos, escondidos pelas mangas de seu casaco <i>haori</i> de um roxo chamativo.
	Era possível ver apenas as pontas das unhas arredondadas, como se fossem contas de vidro prestes a cair pelas mangas.	Era possível ver apenas as pontas das unhas arredondadas, como se fossem pequenas pérolas prestes a cair pelas mangas.
青磁色に金銀の刺繡をちりばめた、細鼻緒があっさりと喰い入った白足袋の爪先を、つつましく揃えた足下へ瞳を落して、中形に結上げた束髪の首を、据えたなり、ついぞ口一つ利くのを見うけなかった。	Sentada, com seu olhar era baixo em direção aos seus pés modestamente alinhados, as tiras verde-água da sandália com bordados dourados e prateados passavam por entre os dedos sobre a meia branca, e seu cabelo estava arrumado num coque médio, não a vi falar em momento algum.	Sentada, seu cabelo estava arrumado num coque médio, e seu olhar era baixo em direção aos seus pés modestamente alinhados, calçados com uma sandália com tiras verde-água e com bordados dourados e prateados, que passavam por entre os dedos sobre a meia branca.
		Não a vi abrir a boca em momento algum.
その令嬢をさしはさんで夫人と老女とは、時々何か小声で語り合って居る。	A jovem estava sentada entre a sua mãe e a criada, que as vezes cochichavam entre si.	A jovem estava sentada entre a sua mãe e a criada, que as vezes cochichavam entre si.

Fonte: elaborado pela autora.

4.4.1. Análise

O trecho foi selecionado por possuir pontos que trouxeram dificuldades durante a tradução, principalmente a extensão das frases, a quantidade de descrições com

muito volume de informações e pela quantidade de termos mais associados a cultura, como vestimentas e penteados.

Novamente, foi utilizado um misto de Transliteração e Transferência com explicação para a tradução de parte da vestimenta, dessa forma, *haori* (羽織) foi mantido como *haori*, e a explicação, “casaco”, precedendo o termo, a fim de esclarecer a categoria e função do objeto não presente na cultura alvo, qual seja, vestimenta que cobre o tronco, para uso sobre outras roupas. Outros termos, entretanto, não receberam o mesmo tratamento, sendo os casos de *shirotabi* (白足袋) e *sokuhatsu* (束髪).

O *shirotabi* (白足袋), uma meia branca com divisão entre o dedão e os demais dedos, usada com vestuário tradicional, foi traduzido então como uma peça de roupa equivalente, uma “meia branca”, sendo a peculiaridade desse vestuário, de ter a separação entre os dedos, ter ficado evidente apenas pela descrição das tiras da sandália que “passavam por entre os dedos sobre a meia branca”. Para *sokuhatsu* (束髪), um penteado no qual os cabelos ficam presos em um coque na parte de trás da cabeça, o termo foi traduzido apenas como um “coque médio”.

No trecho em questão, também foi utilizado procedimento de Reconstrução de Períodos, que, conforme Barbosa (1990, p. 70), consiste em “revidir ou reagrupar os períodos e orações do original ao passá-los para a LT”. A primeira e a segunda oração na LO foram separadas em duas cada e os períodos da segunda oração tiveram sua ordem alterada.

Nas dificuldades enfrentadas na tradução, as frases muito alongadas foram seccionadas em partes menores, de forma a auxiliar na compreensão do texto e na tradução em si. Tal estratégia foi de grande importância na correta compreensão do texto original.

A exemplo da primeira frase do trecho em discussão, em um primeiro momento, a compreensão do trecho 「小皺一つなく」 em relação à frase foi de que ele se referia à Jovem, dando o sentido de que a Jovem “não possuía nenhuma ruga”. Essa interpretação fora realizada provavelmente por fruto da leitura inicial do texto de forma muito seccionada, palavra a palavra, na qual ocorreram diversas pesquisas de termos desconhecidos em dicionários; que podem ter influenciado no ritmo de leitura e, conseqüentemente, entrado no caminho da compreensão coesa do texto.

Apenas quando a releitura do trecho e o início do trabalho de tradução foram feitos que observamos a relação do termo com a disposição do xale no corpo da Jovem, de não ter “nenhuma dobra ou vinco”, na versão 3A, que nas revisões foi sintetizado como “estendido”. Nessa alteração de compreensão relatada acima, durante o processo leitura e posterior tradução, podemos lembrar da definição trazida de Unidade de Tradução (UT), por Alves, Magalhães e Pagano (2000), que ressalta sua grande mutabilidade de acordo com as necessidades de cada tradutor. A compreensão da UT como algo não rígido, que é moldada pelo tradutor conforme a situação enfrentada a cada momento e que pode ser adaptada para cada texto é de grande importância para o processo da tradução.

Outra estratégia muito utilizada foi o uso de recursos de consulta externos, além dos dicionários monolíngue e bilíngue, principalmente a de busca de imagens na internet, bem como de consultas a enciclopédias online, especialmente no caso de vestuários e penteados, durante todo o texto.

4.5. Quarto trecho

私達は、新酒を汲み別ける興味をもって、駅場々々に籠かごを抱えて居る女達から蜜柑を買って喰べ競べた。もぎ立ての高い香りにむせび乍ら、唇を赤くして飽かず喰べた。前の子供等もいつか私達を真似て居た。家扶も子供に交って居た。うとうとと眠る老紳士から離れて。(OKAMOTO, 1994, p. [2])

Quadro 8 – Comparação quarto trecho

Texto original	Primeira Versão (5A)	Versão final (E)
私達は、新酒を汲み別ける興味をもって、駅場々々に籠を抱えて居る女達から蜜柑を買って喰べ競べた。	Nós andávamos de um lado a outro comprando e degustando as tangerinas que as moças carregavam em seus cestos, como se estivéssemos selecionando a melhor safra de um saquê novo.	Passávamos de estação em estação comprando e degustando as tangerinas que as moças carregavam em seus cestos, como se estivéssemos selecionando um novo saquê.
もぎ立ての高い香りにむせび乍ら、唇を赤くして飽かず喰べた。	Com a boca ardida continuávamos a comer, enquanto o cheiro das frutas recém-colhidas atacava nossos sentidos.	Com a boca ardida continuávamos a comer, incansáveis, enquanto o cheiro das frutas recém-colhidas atacava nossos sentidos.

Texto original	Primeira Versão (5A)	Versão final (E)
前の子供等もいつか私達を真似て居た。家扶も子供に交って居た。うとうとと眠る老紳士から離れて。	Em algum momento, as crianças de antes começaram a nos imitar, e se separando do senhor de meia idade, que cochilava sentado, o mordomo se juntou à elas.	Em algum momento, as crianças de antes começaram a nos imitar, e se separando do senhor de meia idade, que cochilava sentado, o criado se juntou a elas.

Fonte: elaborado pela autora.

4.5.1. Análise

Inicialmente, no trecho, é descrita a ação das personagens, de comprar, comer e avaliar as tangerinas, e o afinco com que elas agem é comparado à uma ação específica 「新酒を汲み別ける」. Na discussão em sala de aula, uma das hipóteses de interpretação levantadas compreendeu o verbo dividido como 「汲む」 e 「別ける」, e propôs um sentido de se dividir um novo saquê com os amigos, por uma das definições de 「汲む」 ser a de servir uma bebida ou beber junto de alguém e o 「別ける」 compreender-se como ação de dividir, partilhar. Em outra hipótese foi identificado o verbo como composto, e seu sentido específico de separar um líquido em recipientes distintos¹⁸, como uma forma de seleção desse saquê.

Durante a presente tradução, pela comparação da degustação das frutas com uma ação envolvendo bebidas, foi considerada a troca para um contexto similar que ainda mantivesse essa relação textual; com o uso da figura de um *sommelier* que prova e compara vinhos. “Um sommelier buscando a melhor safra” como registrado em um comentário na primeira versão, que poderíamos apontar como um procedimento de Adaptação. Sobre estratégias é, de certa forma, possível associar ao uso de uma análise macrotextual, uma análise do contexto e da rede de relações do próprio texto e também, ao uso das redes de associações internas que seguiram um caminho como: degustar → bebida alcoólica → vinho → degustação de vinho → *sommelier*. Porém, na incerteza de que a ação 「新酒を汲み別ける」 pudesse ser relacionada à algum procedimento na produção de saquê, bem como evitar eliminar referência à cultura da LO, a opção por utilizar a ação de selecionar foi considerada suficientemente equivalente para a situação e por manter o uso do saquê como a bebida.

¹⁸ “ladle 《water》 into separate containers” (NEW..., 2003)

Sobre o trecho 「唇を赤くして飽かず喰べた。」 é possível relacionar o procedimento de Modulação, considerando ter ocorrido uma troca de perspectiva de uma descrição mais visual, “lábios avermelhados” para uma descrição de sensação, “boca ardida”, apesar da possibilidade de associação da cor à uma possível reação de irritação. Em retrospectiva, foram utilizados mecanismos de subsídios internos pela associação do consumo excessivo de frutas cítricas com a sensação de irritação na boca e lábios; em contraste à situação de comer frutas vermelhas e ficar com a boca avermelhada, não por irritação, mas pela pigmentação das frutas.

5. Considerações finais

No início deste trabalho foi apresentado o contexto no qual se realizou a tradução, em seguida os conceitos que seriam utilizados na análise dos trechos selecionados e, por fim, passou-se à análise e reflexão acerca do ato tradutório.

Apesar de terem sido apresentados todos os procedimentos categorizados por Barbosa (1990), o trabalho não teve como objetivo a identificação dos procedimentos utilizados na tradução do conto inteiro, segmento a segmento, considerando possibilidade de envolvimento de mais de um procedimento em um dado trecho, bem como a dificuldade de identificação percebida para algumas seções.

A perspectiva que obtive dos procedimentos técnicos ao longo da reflexão sobre a presente tradução, é de que, não se trata de um manual de como se traduzir, nem busca dar o procedimento correto para cada situação. Também não descrevem o processamento cognitivo do tradutor, como Barbosa (1990) menciona em sua conclusão. São, então, descrições do produto, uma categorização das possíveis transformações do texto.

É evidente a possibilidade de traduzir sem ter-se conhecimento dessa teoria, como ocorreu com o conto apresentado neste trabalho, mas entendo que esse conhecimento pode compor o arsenal de ferramentas utilizadas, facilitando resoluções de problemas e dificuldades encontradas ao longo de um projeto. Considerando um cenário onde se acredita que traduções literais são a única opção, perceber que a omissão ou adaptação são procedimentos tão válidos quanto, a depender da situação, permite incitar essa reflexão sobre o que é traduzir e ajuda a ampliar a variedade de soluções propostas.

Quanto às estratégias de tradução, na forma como são apresentadas por Alves, Magalhães e Pagano (2000), estas sim, observo ter mais relação com as movimentações que ocorrem durante o processo tradutório. Apesar das limitações do objeto analisado, por não se ter registro além dos arquivos de texto, os comentários e marcações mantidas nessas versões e as memórias de como foram algumas das tentativas de contornar problemas; foi possível relacionar os passos realizados para tradução dos trechos com algumas das estratégias descritas pelos autores.

Muitas vezes, durante a tradução desse conto, me vi com o navegador abarrotado de abas abertas, com dezenas de páginas e sites para consulta, utilizando inúmeras vezes o dicionário eletrônico e criando inúmeras soluções temporárias,

apenas para serem descartadas logo em seguida. Algumas delas foram consideradas suficientemente interessantes, sendo assim anotadas na forma de comentários ou destacando os trechos insatisfatórios. Em vários momentos, a decisão de manutenção ou descarte de uma solução se resumia a um “soa melhor”, “faz mais sentido”, “é suficiente”, “está estranho”, sem de fato se ter uma justificativa consciente.

Como já argumentado para o caso dos procedimentos, entendo que o conhecimento prévio das estratégias também é uma boa adição a esse arsenal. Bloqueios encontrados podem ser mais facilmente contornados caso tenha-se ideia dos passos possíveis de serem tomados. A capacidade de se utilizar das estratégias de forma consciente, gerenciar essas ações e refletir sobre elas, traz mais embasamento para justificar tomadas de decisão na estruturação de uma tradução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. **Traduzir com autonomia**: estratégias para o tradutor em formação. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. 159 p. ISBN 987-85-7244-146-9.

BADDELEY, A. D. **The episodic buffer**: a new component of working memory? Trends in cognitive science Volume 4, Issue 11, 1 November 2000, Pages 417-423. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1364661300015382>. Acesso em 03 jul 2023.

BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução**: uma nova proposta. Campinas, SP: Pontes, 1990. 120 p.

BUNKYO: Quem somos. [S.l.], [2023?]. Disponível em: <https://www.bunkyo.org.br/br/sobre-o-bunkyo/quem-somos/>. Acesso em: 17 jun. 2023.

CIARDI, J. Translator's notes. *In*: ALIGHIERI, D. **Inferno**. Tradução: J. Ciardi. New York: Signet Classics, 1954. p. ix-xi.

DIGITAL Daijisen. 2ª. ed. rev. e aum. Tokyo: Shogakukan, 2016. Dicionário Eletrônico.

HASEGAWA, Y. Translation techniques. *In*: **The Routledge course in japanese translation**. New York: Routledge, 2012. cap. 6, p. 168-191.

KEIBENTETSUDOU (軽便鉄道). *In*: JISHO.ORG. [S.l.]: [s.n.], [2023?]. Disponível em: <https://jisho.org/word/軽便鉄道>. Acesso em: 17 jun. 2023.

LIGHT RAILWAY. *In*: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA]: Wikimedia Foundation, [2023?]. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Light_railway. Acesso em: 15 jan. 2023.

MARUMAGE. *In*: WEBLIO: english-japanese japanese-english. [Japan]: GRAS Group, Inc., [2023?]. Disponível em: <https://ejje.weblio.jp/content/丸鬚>. Acesso em: 17 jun. 2023.

MORI, M. T. **The Splendor of Self-Exaltation**. The Life and Fiction of Okamoto Kanoko. Monumenta Nipponica, 1995, Vol. 50, nº 1, p. 67-102.

NEW Japanese-English Dictionary: *Shin wa-ei daijiten*. 5. ed. Tokyo: Kenkyusha, 2003. Dicionário Eletrônico.

NOVAK, J.; CAÑAS, A. **The Theory Underlying Concept Maps and How to Construct Them**. Florida: Institute for Human and Machine Cognition, 2006. Disponível em: <http://cmap.ihmc.us/Publications/ResearchPapers/TheoryUnderlyingConceptMaps.pdf>. Acesso em: 03 jul 2023.

OKAMOTO, K. Ugokanu Onna. *In*: OKAMOTO, K. **Okamoto Kanoko Zenshuu 1**. [S.l.]: Chikuma Shobou, 1994. *E-book*. Disponível em: https://www.aozora.gr.jp/cards/000076/files/58395_74944.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

SPERBER, D; WILSON, D. **Relevance**: Communication and Cognition. Blackwell, London.1986.

SUGISAKI, K. A Writer's Life: Kanoko Okamoto. *In*: **The House Spirit and other stories**. Santa Barbara: CAPRA PRESS, 1995. p. 7–30.

Apêndice I - Versões A e B – Ordem Cronológica

Parte 1 – Versão A – 27/06/22

Nos juntamos ao grupo novamente quando embarcamos no bonde, que sai de Odawara com destino à Atami.

A primeira vez que os encontramos foi nos arredores de Shinagawa, quando eles embarcaram no vagão de segunda classe *[[Alterar para “da classe econômica”?]]* vindo de Shinbashi. Um distinto senhor de meia idade, com semblante austero *[[trocar para imponente]]* e trajes formais era acompanhado por uma senhora por volta de seus quarenta anos, que aparentava ser sua esposa, e que realinhava a barra de seu suntuoso quimono. Em seguida uma jovem senhorita de dezenove ou vinte anos, com um xale azul, e uma senhora de meia idade, muito magra *[[esquelética]]* e de pele amarelada *[[não sei se entendi certo]]*, que segurava as longas mangas das vestes da jovem, aparentando ser uma criada, e, por fim, embarcaram trinta e quatro meninos de uniformes escolares, de mais ou menos dez anos. Ao som dos vários passos *[[manter]]*, todos embarcaram e se acomodaram em ordem no vagão, e se sentaram do outro lado de onde estávamos.

Parte 2 – Versão A – 04/07/22

Passaram-se apenas instantes até um homem entrar correndo no vagão, aparentava ter a mesma idade do cavalheiro de antes, mas vestia um terno meio surrado, num relance pude perceber que era o mordomo daquela família. O mordomo falou algo para o casal, se curvou algumas vezes e desceu brevemente do carro, voltando, desta vez, carregando duas malas enormes. Após colocá-las em seus devidos lugares, ele se sentou num extremo do grupo ao lado do cavalheiro, e começou a conversar com entusiasmo

Minha atenção se voltava principalmente para o centro do grupo, onde estavam sentadas a madame e sua filha. A senhora possuía um rosto oval, com feições equilibradas, emoldurado por um penteado avolumado nas têmporas com um coque alto na parte de trás, típico de mulheres casadas. A gola do seu quimono, que tinha uma estampa simples para sua idade, aparentava ter inúmeras camadas, e por algum motivo ela tinha um xale grosso de pele enrolado em suas mãos, que repousavam sobre seus joelhos.

O rosto da senhorita era extremamente parecido com o da mãe, só que mais jovial. *[[A jovem tinha um rosto igual ao da mãe, numa versão mais jovial // O rosto da jovem era uma versão jovial do rosto da mãe]]*. As sobrancelhas eram mais finas do que a da madame, seu queixo um pouco mais robusto *[[?????]]*, e abaixo da densa camada de pó de arroz *[[maquiagem/pó]]* podia-se imaginar claramente o viço de suas bochechas macias. Fazia a jovem parecer um pouco mais tímida que sua mãe.

Parte 1 – Versão B – 09/07/22

Nos juntamos ao grupo novamente quando embarcamos no bonde, que sai de Odawara com destino à Atami.

A primeira vez que os encontramos foi nos arredores de Shinagawa, quando eles embarcaram no vagão da classe econômica vindo de Shinbashi. Um distinto senhor, com semblante austero e trajes formais era acompanhado por uma senhora por volta de seus quarenta anos, que aparentava ser sua esposa, e que realinhava a barra do seu kimono. Em seguida uma jovem senhorita com um xale azul de dezenove ou vinte anos, e uma senhora de meia idade, muito magra e de pele amarelada, que segurava as longas mangas das vestes da jovem, aparentando ser uma criada, e então entraram mais trinta e quatro meninos de mais ou menos dez anos em uniformes escolares. Todos embarcaram e se acomodaram em ordem no vagão, e se sentaram do outro lado de onde estávamos.

Parte 3 – Versão A – 11/07/22

Tendo já percorrido *[[viajado]]* inúmeras vezes a linha férrea *[[estrada de ferro]]* que seguia pela costa leste, a combinação da viagem com a monotonia do cenário invernal me entediou, e eu tendi a desprender *[[Desvencilhar/Soltar, liberar/afastar/separar]]* minha cabeça da janela e percorrer o olhar pela área interna do vagão com frequência *[[Manter?]]*. Na falta de outros passageiros que me atraíssem o olhar, no fim, minha atenção inevitavelmente se voltou ao grupo de antes. A jovem dama, usava um xale azul, que cobria seu busto sem aparentar nenhuma dobra ou vinco, e segurava os cantos do xale na ponta dos dedos, escondidos pelas mangas de seu casaco *haori*, de um roxo chamativo. Era possível ver apenas as pontas das unhas arredondadas, como se fossem contas de vidro *[[Pequenas joias?/ Pérolas?]]* prestes a cair pelas mangas. Sentada, com seu olhar era baixo em direção aos seus

pés modestamente alinhados, as tiras verde-água da sandália com bordados dourados e prateados passavam por entre os dedos sobre a meia branca, e seu cabelo estava arrumado num coque médio, não a vi falar em momento algum. A jovem estava sentada entre a sua mãe e a velha criada, que as vezes cochichavam entre si.

O cavalheiro e o seu criado continuaram a dialogar com tanta discrição, que parecia que não havia nenhuma conversa acontecendo, mas em contraste à essa quietude, os três meninos que restavam pareciam nem um pouco cansados de continuar sua algazarra. Essa situação se manteve durante todo o trajeto junto ao grupo de Odawara até a linha de trem estreito que vai para Atami.

Parte 4 – 11/07/22

Era um entardecer no início do inverno. A maré gentil, calma e morna do mar de Sagami *[[A calma do mar de Sagami]]*, preenchido por uma água escura e profunda, se expandia diante de nossos olhos enquanto percorríamos a costa de Odawara.

– Ah! – exclamaram as crianças, e então o ruído presente até o momento cessou completamente.

– Ah! – apoiando as mãos na janela, também expressamos nossa admiração, enquanto nosso olhar era absorvido pelo vasto horizonte sem limites *[[imensidão além-mar/ Infinito horizonte]]*.

O trem logo se aproximou de uma pequena vila costeira, onde as tangerinas frescas iluminavam os beirais das casas sombrias e antiquadas.

– Ei! Tangerinas! São tangerinas! Muitas tangerinas! – falavam as crianças, saltitando de alegria. Nós também ficamos encantados.

O trem avançou e adentrou Izu. Toda a montanha estava transbordando de prosperidade com o dourado das tangerinas! Sons de admiração escapavam por nossas bocas repetidas vezes.

Parte 5 - 16/07/22

- Dez centavos de tangerinas, por favor.

Nós andávamos de um lado a outro comprando e degustando as tangerinas que as moças carregavam em seus cestos, como se estivéssemos selecionando a melhor safra de um saquê novo *[[Como um sommelier buscando a melhor safra]]*.

Com a boca ardida continuávamos a comer, enquanto o cheiro das frutas recém-colhidas atacava nossos sentidos. Em algum momento, as crianças de antes começaram a nos imitar, e se separando do senhor de meia idade, que cochilava sentado, o mordomo se juntou à elas.

Desde o início do percurso a jovem senhorita não se mexia, a sua expressão indiferente não aparentava ser por fraqueza, nem por uma sombra de preocupação. Sua bochecha pálida e testa acompanhando levemente o balançar do trem, e seu olhar perdido e vazio, como se fosse uma cortina bloqueando todas as mudanças e estímulos externos. Enquanto guardavam a extremidade dessa cortina, a madame e a velha cochichavam entre si.

- Ah, o mar tomado de vermelho pelo pôr do sol! – exclamei exageradamente, tomada por uma inquietação.

Apêndice II - Conto – Versão C – 16/07/22

Nos juntamos ao grupo novamente quando embarcamos no bonde *[[rever]]*, que sai de Odawara com destino à Atami.

A primeira vez que os encontramos foi nos arredores de Shinagawa, quando eles embarcaram no vagão da classe econômica vindo de Shinbashi. Um distinto senhor de meia idade, com semblante austero e trajas formais era acompanhado por uma senhora por volta de seus quarenta anos, que aparentava ser sua esposa, e que realinhava a barra do seu quimono *[[Reorganizar?]]*. Em seguida uma jovem senhorita com um xale azul de dezenove ou vinte anos, e uma senhora de meia idade, muito magra e de pele amarelada, que segurava as longas mangas das vestes da jovem, aparentando ser uma criada, e então entraram mais três ou quatro meninos de mais ou menos dez anos em uniformes escolares. Todos embarcaram e se acomodaram em ordem no vagão, e se sentaram do outro lado de onde estávamos.

Passaram-se apenas instantes até um homem entrar correndo no vagão, aparentava ter a mesma idade do cavalheiro de antes, mas vestia um terno meio surrado, num relance pude perceber que era o mordomo *[[criado]]* daquela família. O mordomo falou algo para o casal, se curvou algumas vezes e desceu brevemente do carro, voltando, desta vez, carregando duas malas enormes. Após colocá-las em seus devidos lugares, ele se sentou num extremo do grupo ao lado do cavalheiro, e começou a conversar com entusiasmo

Minha atenção se voltava principalmente para o centro do grupo, onde estavam sentadas a esposa e sua filha. A senhora possuía um rosto oval, com feições equilibradas, emoldurado por um penteadado avolumado nas têmporas com um coque alto na parte de trás, típico de mulheres casadas *[[Incluir termo japonês?]]*. A gola do seu quimono, que tinha uma estampa simples para sua idade, aparentava ter inúmeras camadas, e por algum motivo ela tinha um xale grosso de pele enrolado em suas *[[Envolto/envolvendo?]]* mãos, que repousavam sobre seus joelhos.

O rosto da senhorita era extremamente parecido com o da mãe, só que mais jovial. As sobrancelhas eram mais finas do que a da madame, seu queixo um pouco mais robusto, e abaixo da *[[Sob a]]* densa camada de pó de arroz podia-se imaginar claramente o viço de suas bochechas macias. Fazia a jovem parecer um pouco mais tímida *[[Reservada?]]* que sua mãe.

Tendo já percorrido *[[viajado]]* inúmeras vezes a linha férrea *[[estrada de ferro]]*

que seguia pela costa leste, a combinação da viagem com a monotonia do cenário invernal me entediou, e eu tendi a desprender *[[Desvencilhar/Soltar, liberar/afastar/separar]]* minha cabeça da janela e percorrer o olhar pela área interna do vagão vagão com frequência *[[Manter?]]*. Na falta de outros passageiros que me atraíssem o olhar, no fim, minha atenção inevitavelmente se voltou ao grupo de antes. A jovem dama, usava um xale azul, que cobria seu busto sem aparentar nenhuma dobra ou vinco, e segurava os cantos do xale na ponta dos dedos, escondidos pelas mangas de seu casaco haori, de um roxo chamativo. Era possível ver apenas as pontas das unhas arredondadas, como se fossem contas de vidro *[[Pequenas joias?/ Pérolas?]]* prestes a cair pelas mangas. Sentada, com seu olhar era baixo em direção aos seus pés modestamente alinhados, as tiras verde-água da sandália com bordados dourados e prateados passavam por entre os dedos sobre a meia branca, e seu cabelo estava arrumado num coque médio, não a vi falar em momento algum. A jovem estava sentada entre a sua mãe e a velha criada, que as vezes cochichavam entre si.

O cavalheiro e o seu criado continuaram a dialogar com tanta discrição, que parecia que não havia nenhuma conversa acontecendo, mas em contraste à essa quietude, os três meninos que restavam pareciam nem um pouco cansados de continuar sua algazarra. Essa situação se manteve durante todo o trajeto junto ao grupo de Odawara até a linha de trem estreito que vai para Atami.

Era um entardecer no início do inverno. A maré gentil, calma e morna do mar de Sagami *[[A calmaria do mar de Sagami]]*, se expandia diante de nossos olhos enquanto percorríamos a costa de Odawara.

– Ah! – exclamaram as crianças, e então o ruído presente até o momento cessou completamente.

– Ah! – apoiando as mãos na janela, também expressamos nossa admiração, enquanto nosso olhar era absorvido pelo vasto horizonte sem limites *[[imensidão além-mar/ Infinito horizonte]]*.

O trem logo se aproximou de uma pequena vila costeira, onde as tangerinas frescas iluminavam *[[Traziam luz aos/ alegravam]]* os beirais das casas sombrias e antiquadas.

– Ei! Tangerinas! São tangerinas! Muitas tangerinas! – falavam as crianças, saltitando de alegria. Nós também ficamos encantados.

O trem avançou e adentrou Izu. Toda a montanha estava transbordando de

prosperidade com o dourado das tangerinas! Sons de admiração escapavam por nossas bocas repetidas vezes.

– Dez centavos de tangerinas, por favor.

Nós andávamos de um lado a outro comprando e degustando as tangerinas que as moças carregavam em seus cestos, como se estivéssemos selecionando a melhor safra de um saquê novo *[[Como um sommelier buscando a melhor safra]]*. Com a boca ardida continuávamos a comer, enquanto o cheiro das frutas recém-colhidas atacava nossos sentidos. Em algum momento, as crianças de antes começaram a nos imitar, e se separando do senhor de meia idade, que cochilava sentado, o mordomo se juntou a elas.

Desde o início do percurso a jovem senhorita não se mexia, a sua expressão indiferente não aparentava ser por fraqueza, nem por uma sombra de preocupação *[[seu rosto apático não era fruto nem de uma fadiga]]*. Sua bochecha pálida e testa acompanhando levemente o balançar do trem, e seu olhar perdido e vazio, como se fosse uma cortina bloqueando todas as mudanças e estímulos externos. Enquanto guardavam a extremidade dessa cortina, a madame e a velha cochichavam entre si.

- Ah, o mar tomado de vermelho pelo pôr do sol! – exclamei exageradamente, tomada por uma inquietação.

Apêndice III - Conto – Versão D – 17/07/22

A dama imóvel

Nos juntamos ao grupo novamente quando embarcamos no trem, que sai de Odawara com destino à Atami.

O primeiro encontro foi nos arredores de Shinagawa, quando eles embarcaram no vagão de segunda classe vindo de Shinbashi. Um distinto senhor de meia idade, com semblante austero e trajes formais era acompanhado por uma senhora, por volta de seus quarenta anos, que aparentava ser sua esposa, e que realinhava a barra do seu quimono. Em seguida uma jovem senhorita com um xale azul, de dezenove ou vinte anos, e uma senhora de meia idade, muito magra e de pele amarelada, que segurava as longas mangas das vestes da jovem, aparentando ser uma criada, e então entraram mais três ou quatro meninos de mais ou menos dez anos em uniformes escolares. Todos embarcaram e se acomodaram em ordem no vagão, e se sentaram do outro lado de onde estávamos.

Passaram-se apenas instantes até um homem entrar correndo no vagão, aparentava ter a mesma idade do cavalheiro de antes, mas vestia um terno meio surrado, num relance pude perceber que era um criado daquela família. O mordomo falou algo para o casal, se curvou algumas vezes e desceu brevemente do carro, voltando, desta vez, carregando duas malas enormes. Após colocá-las em seus devidos lugares, ele se sentou num extremo do grupo ao lado do cavalheiro, e começou a conversar com entusiasmo.

Minha atenção se voltava principalmente para o centro do grupo, onde estavam sentadas a esposa e sua filha. A senhora possuía um rosto oval, com feições equilibradas, emoldurado por um penteado avolumado nas têmporas com um coque alto na parte de trás, típico de mulheres casadas. A gola do seu quimono, que tinha uma estampa simples para sua idade, aparentava ter inúmeras camadas, e por algum motivo ela tinha um xale grosso de pele enrolado em suas mãos, que repousavam sobre seus joelhos.

O rosto da senhorita era extremamente parecido com o da mãe, só que mais jovial. As sobrancelhas eram mais finas do que a da madame, seu queixo um pouco mais robusto, e sob a densa camada de pó de arroz podia-se imaginar claramente o viço de suas bochechas macias. Fazia a jovem parecer um pouco mais retraída que sua mãe.

Tendo já percorrido inúmeras vezes a estrada de ferro que seguia pela costa leste, me entediei com a combinação dessa viagem com a monotonia do cenário do inverno, e eu tendi a afastar minha cabeça da janela e percorrer a área interna do vagão com o olhar, com frequência. Na falta de outros passageiros interessantes, no fim, minha atenção inevitavelmente se voltou ao grupo de antes. A jovem dama usava um xale azul estendido cobrindo seu busto, seus cantos segurados com a ponta dos dedos, que estavam escondidos pelas mangas de seu casaco *haori*, de um roxo chamativo. Era possível ver apenas as pontas das unhas arredondadas, como se fossem pequenas pérolas prestes a cair pelas mangas. Sentada, seu olhar era baixo em direção aos seus pés modestamente alinhados, as tiras verde-água da sandália com bordados dourados e prateados passavam por entre os dedos sobre a meia branca, e seu cabelo estava arrumado num coque médio. Não a vi falar em momento algum. A jovem estava sentada entre a sua mãe e a velha criada, que as vezes cochichavam entre si.

O cavalheiro e o seu criado continuaram a dialogar com tanta discrição, que parecia que não havia nenhuma conversa acontecendo, mas em contraste à essa quietude, os três meninos que restavam pareciam nem um pouco cansados de continuar sua algazarra. Essa situação se manteve durante todo o trajeto junto ao grupo, de Odawara até a linha de trem que vai para Atami.

Era um entardecer no início do inverno. A maré gentil, calma e morna do mar de Sagami, profundo e de águas escuras, se expandia diante de nossos olhos enquanto percorríamos a costa de Odawara.

– Ah! – exclamaram as crianças, e então o ruído presente até o momento cessou completamente.

– Ah! – apoiando as mãos na janela, também expressamos nossa admiração, enquanto nosso olhar era atraído pelo vasto horizonte sem limites *[[imensidão além-mar/ Infinito horizonte]]*.

O trem logo se aproximou de uma pequena vila costeira, onde as tangerinas frescas alegravam os beirais das casas escuras e antiquadas.

– Ei! Tangerinas! São tangerinas! Muitas tangerinas! – falavam as crianças, saltitando de alegria. Nós também ficamos encantados.

O trem avançou e adentrou Izu. Toda a montanha estava transbordando de prosperidade com o dourado das tangerinas! Sons de admiração escapavam por nossas bocas repetidas vezes.

– Dez centavos de tangerinas, por favor.

Passávamos de estação em estação comprando e degustando as tangerinas que as moças carregavam em seus cestos, como se estivéssemos selecionando a melhor safra de um saquê novo. Com a boca ardida continuávamos a comer, sem perder o interesse, enquanto o cheiro das frutas recém-colhidas atacava nossos sentidos. Em algum momento, as crianças de antes começaram a nos imitar, e se separando do senhor de meia idade, que cochilava sentado, o criado se juntou a elas.

Desde o início do percurso a jovem senhorita não se mexia, a sua expressão indiferente não aparentava ser por fraqueza, nem por uma sombra de preocupação. Suas bochechas pálidas e sua testa acompanhavam vagamente o balançar do trem, e seu olhar perdido e vazio se mantinham, como se fossem uma cortina bloqueando todas as mudanças e estímulos externos. Guardando os limites dessa cortina, a madame e a velha ocasionalmente cochichavam entre si.

- Ah, o mar pintado de vermelho pelo pôr do sol! – exclamei exageradamente, tomada por uma espécie de inquietação.

Apêndice IV - Conto – Versão E - Tradução Final – 20/07/22

A dama imóvel

Nos juntamos ao grupo novamente quando embarcamos no trem, que sai de Odawara com destino à Atami.

O primeiro encontro foi nos arredores de Shinagawa, quando eles embarcaram no vagão de segunda classe vindo de Shinbashi. Um distinto senhor de idade, com semblante austero e trajes formais era acompanhado por uma senhora que aparentava ser sua esposa, por volta de seus quarenta anos e que realinhava a barra do seu quimono. Em seguida embarcaram uma jovem senhorita de dezenove ou vinte anos, vestindo um xale azul, e uma outra senhora de meia idade, esta muito magra e de pele amarelada, que segurava as longas mangas das vestes da jovem, como uma criada. Então entraram mais três ou quatro meninos, de aproximadamente dez anos, em uniformes escolares. Todos embarcaram e se acomodaram em ordem no vagão, se sentando do outro lado de onde estávamos.

Passaram-se apenas instantes até um homem entrar correndo no vagão, aparentava ter a mesma idade do cavalheiro anterior e trajando um terno meio surrado. De relance, pude perceber que era um criado daquela família. O mordomo disse algo para o casal, se curvou algumas vezes e desembarcou brevemente, desta vez retornando com duas malas enormes. Após colocá-las em seus devidos lugares, ele se sentou num extremo do grupo ao lado do cavalheiro, e começou a conversar com entusiasmo.

Minha atenção se voltava principalmente para o centro do grupo, onde estavam sentadas a esposa e sua filha. A senhora possuía um rosto oval, de feições equilibradas, emoldurado por um penteado avolumado nas têmporas com um coque alto na parte de trás, chamado *marumage*, típico de mulheres casadas. A gola do seu quimono, que tinha uma estampa simples para sua idade, aparentava ter inúmeras camadas. Por algum motivo ela carregava um xale grosso de pele enrolado em suas mãos, repousando sobre seus joelhos.

O rosto da senhorita era extremamente parecido com o da mãe, só que mais jovial. As sobrancelhas eram mais finas e seu queixo um pouco mais robusto, e sob a densa camada de pó de arroz podia-se imaginar claramente o viço de suas bochechas

macias, o que fazia a jovem parecer um pouco mais tímida que sua mãe.

Tendo já percorrido inúmeras vezes aquela estrada de ferro, que seguia pela costa leste, me entediei com a combinação dessa viagem com a monotonia do cenário do inverno. Preferi a afastar minha cabeça da janela e percorrer a área interna do vagão com o olhar, com frequência. Por fim, na falta de outros passageiros interessantes, minha atenção inevitavelmente se voltou ao grupo de antes. A jovem dama com seu xale azul estendido, cobrindo seu busto, segurava seus cantos com a ponta dos dedos, escondidos pelas mangas de seu casaco *haori* de um roxo chamativo. Era possível ver apenas as pontas das unhas arredondadas, como se fossem pequenas pérolas prestes a cair pelas mangas. Sentada, seu cabelo estava arrumado num coque médio, e seu olhar era baixo em direção aos seus pés modestamente alinhados, calçados com uma sandália com tiras verde-água e com bordados dourados e prateados, que passavam por entre os dedos sobre a meia branca. Não a vi abrir a boca em momento algum. A jovem estava sentada entre a sua mãe e a criada, que as vezes cochichavam entre si.

O cavalheiro e o seu criado continuaram a dialogar, com tamanha discrição que parecia que não parecia haver nenhuma conversa acontecendo. Em contraste à essa quietude, porém, os três meninos que restavam pareciam nem um pouco cansados de sua algazarra. Esse cenário permaneceu inalterado durante o trajeto, feito junto ao grupo, até o próximo trem, que fazia o percurso de Odawara a Atami.

Era um entardecer de início do inverno. O mar de Sagami, profundo e de águas escuras, e sua calmaria, que parecia gentil e morna, se expandia diante de nossos olhos enquanto percorríamos a costa de Odawara.

– Ah! – exclamaram as crianças, e então o ruído presente até aquele momento cessou completamente.

– Ah! – apoiando as mãos na janela, também expressamos nossa admiração, enquanto nosso olhar era atraído pelo vasto horizonte sem limites.

O trem logo se aproximou de uma pequena vila costeira, onde as tangerinas frescas alegravam os beirais das casas escuras e antiquadas.

– Ei! Tangerinas! São tangerinas! Muitas tangerinas! – falavam as crianças, saltitando de alegria. Nós também ficamos encantados.

O trem avançou e adentrou Izu. Toda a montanha estava transbordando de prosperidade com o dourado das tangerinas! Sons de admiração escapavam por nossas bocas repetidas vezes.

– Dez centavos de tangerinas, por favor.

Passávamos de estação em estação comprando e degustando as tangerinas que as moças carregavam em seus cestos, como se estivéssemos selecionando um novo saquê. Com a boca ardida continuávamos a comer, incansáveis, enquanto o cheiro das frutas recém-colhidas atacava nossos sentidos. Em algum momento, as crianças de antes começaram a nos imitar, e se separando do senhor de meia idade, que cochilava sentado, o criado se juntou a elas.

Desde o início do percurso a jovem senhorita não se mexia, a sua expressão indiferente não aparentava ser por fraqueza, nem por alguma preocupação incerta. Suas bochechas pálidas e sua testa acompanhavam vagamente o balançar do trem, e seu olhar perdido e vazio se mantinham, como se fossem uma cortina bloqueando todas as mudanças e estímulos externos. Guardando os limites dessa cortina, a madame e a velha ocasionalmente cochichavam entre si.

– Ah, o mar pintado de vermelho pelo pôr do sol! – exclamei exageradamente, tomada por uma espécie de inquietação.

Anexo I - Conto - Texto original

動かぬ女

岡本かの子

私達が、小田原から、熱海行きの、軽便鉄道に乗り込んだ時も、その一行と一緒に
なった。

その一行は、新橋から発った私達の二等車へ品川あたりから、始めて入って来た人
達であった。重厚な顔付をして、堅く洋服に身を包んだ老紳士のあとに高貴な衣服の
裾^{すそ}を捌いて四十先位いな夫人らしい女が続き、次に青いショールをした十九か二十
程の令嬢、その後^{たもと}に令嬢の長い袖を、支える様にして腰元と見える黄色く骨立った
中老年女、それからは、三四人の十歳前後の学校の服を着た男の子が、どやどやと乗り
込んで、皆、這^{はい}入って来た順に、私達の反対の側に腰を下した。

が、一寸間を置いて、あわただしく車内へ馳せ込んだ男は、先の紳士と同年輩らし
い少し古びた洋服着の、一見して一行の家扶^{かぶ}であることが分った。家扶は、何か云っ
て紳士夫妻に二三度頭を下げるとまた一たん車から下りて、今度は、かなり彪^{ぼうだい}大なト
ランクを二つ担^{かつ}いで来て、それぞれの位置にそれを置いて、自分は、一行の一番端^{はず}れ
に老紳士と並んで坐り、頻^{しき}りに何か話し初めた。

私の注意は、一行の真中に坐る夫人と令嬢に一番多く集まった。夫人は、いかにも
よく整った面長な中高な顔に丸髻^{まるまげ}の両鬢^{りょうびん}を張って年にしては少し地味な柄^{きもの}の着物
の襟^{えり}を、幾枚も張り重ねた様に見せ、何故か、厚い毛皮のショールは膝の上の手に捲
き付けている。

令嬢の顔は、夫人の顔をそのまま、そっくり若くしたものである。ただ、眉毛は夫
人より稍^{やや}薄く顎^{あご}の少しつまり加減な所と、濃いおしろいの下にはっきり想像出来る
なめらかな頬の青味が、此令嬢を夫人より少し内気らしく感ぜしめる。私は、幾度も
通った東海道の汽車の線路に添う冬景色の単調なのに飽いて、とかく、窓から、首を
放して、車内を見廻し勝ちであった。そして、他に目ぼしい乗客もないので、結局、
先の一行に注意を向け勝ちになって仕舞うのであった。令嬢は、青いショールを、小
皺一つなく滑らかに胸へ展^のべ、その先端を押えて重ね合せた派手な紫の羽織の袖口か
ら、隠れた指の爪先だけが、つぶらに小な球の様にこぼれかかって見える。青磁色に
金銀^{ししゅう}の刺繍をちりばめた、細鼻緒があっさりと喰^{しろたび}い入った白足袋の爪先を、つまし

く揃^{そろ}えた足下へ瞳を落して、中形に結上げた束髪^{くわみ}の首を、据えたなり、ついぞ口一つ利くのを見うけなかった。その令嬢をさしはさんで夫人と老女とは、時々何か小声で語り合^あって居る。それにも一向交渉のない様に紳士と家扶との密語は続けられ、またこれらの静調を他にして、残る三人の小供達は、絶えぬから騒ぎに倦まなく見えた。この状態をそのまま持ち続けて小田原から熱海通いの軽便鉄道へ私達と共に一行は移って来た。

初冬の午後であった。柔かく和^ないで温かそうな潮が、遠濃やかに湛^さえた相模灘^{さがみなた}が、小田原の海岸を走る私達の眼の前に展^{ひら}けた。

「あっ」

と小供達は声をあげて、今迄の騒音を、すっかり静めた。

「あっ」

と私達も感嘆して、窓へ両手をかけ、瞳ははてしもなく遠い彼方へ吸われて行った。

汽車はやがて廃^{すた}れた様な暗い民家の低い軒毎を明るくして新鮮な蜜柑^{みかん}の山積する海添いの村落に入った。

「やあ、蜜柑だ、蜜柑だ、大変な蜜柑だ」

と小供達は躍り上って喜んだ、私達もまた――。

汽車は進んで伊豆へ這^は入った。熟して満山にしたれあふれた蜜柑の黄金！重ね重ね私達は驚嘆の声を発した。

「蜜柑をお呉れ十銭」

私達は、新酒を汲み別ける興味をもって、駅場々々に籠^{かご}を抱えて居る女達から蜜柑を買って喰べ競べた。もぎ立ての高い香りにむせび乍ら、唇を赤くして飽かず喰べた。前の子供等もいつか私達を真似て居た。家扶も子供に交って居た。うとうとと眠る老紳士から離れて。

終始令嬢は動かなかつた――その取済ました顔に表われたものは、病弱な疲労でもなく、深いなやみの陰影でもなかつた。あらゆる外界の刺戟と変化から遮^{さえぎ}る為に引かれた幕の内に、只茫然と坐す空虚^{かす}が幽かに、その青白い頬や額に濛^{ただよ}うばかり。引かれた幕の南端を守る夫人と老女は、時々低く囁^{ささや}いて居る。

「ああ、海が、入日で真赤だ」

私は一種の焦燥に駆られて誇張的に叫んだ。